

DOS PÉS A CABEÇA*

Maurice Vaneau

Quando São Paulo fez 400 anos, ganhou um ballet. Um presente bonito oferecido por gente sensível, de bom gosto, com as melhores das intenções.

O tempo de apagar as velas e “ffttt...” lá se foi o ballet do Cicilo... “finito” os “grands jetés”, “fou-ettés” e “entrechats six”. Seguiram-se quase duas décadas de “promenade”.

Os mais teimosos continuaram se apresentando, vez ou outra, num espetáculo único, de graça, às segundas-feiras, dia de descanso das Cias. Teatrais, enquanto o Corpo do Baile Municipal aguardava com o conformismo melancólico de funcionário público, a oportunidade de aparecer num segundo ato de uma ópera por ocasião das esporádicas e famigeradas temporadas de Bel Canto (os nossos cantores líricos também não têm muitas oportunidades na terra de Carlos Gomes).

A teimosia de uns animou a coragem de outros. De 1970 para cá chegamos à situação atual: dezenas de grupos de dança espalhados pelo Brasil.

Por isso e talvez por ser São Paulo a origem deste novo “surto de dança”, parece-me ser a hora de fazer o balanço – “O Balanço da Dança.”

A meu ver, o momento atual da dança é mais importante do que aconteceu em 1954 com a criação de um lindo, mas efêmero Ballet, porque se trata de um verdadeiro movimento; porque as intenções, o propósito e o espírito são outros. A dança, agora, entrou pela porta dos fundos, mas desta vez veio para ficar.

Apesar de incompleto (faltou verba ao Ballet Guaíra para o deslocamento de 60 membros da sua Cia., o Teatro Sérgio Cardoso não oferece condições técnicas para receber o Ballet do Rio com a sua orquestra e o Ballet da Cidade cancelou a sua participação na última hora), considero esta Mostra-Balanço até mais importante para a dança no Brasil do que a vinda de Bolshoi. Não me entendam mal, considero a vinda do Bolshoi um acontecimento artístico de primeiríssima importância, mas não são os dois milhões de dólares de custo da temporada do Bolshoi no Brasil que me impressionam, nem as 80 toneladas de bagagem e as outras 80 de cenários e material de suporte. O que me impressiona, isto sim, é a vitalidade, a criatividade, o dinamismo e a tenacidade dos nossos dançarinos, coreógrafos e produtores de dança, num país onde o apoio oficial às artes de modo geral não corresponde ao seu tamanho nem às necessidades e aspirações de sua população.

O que me impressiona é o que conseguimos apresentar 19 grupos de dança, contratar 27 professores, organizar 4 palestras, 3 debates e uma mesa redonda com pouco mais de duzentos mil cruzados.

Bem, caros baletômanos (ou baletomaníacos?) aqui vão, de maio a julho, dois milhões de batidas de corações de dançarinos entrando em cena, oitenta toneladas de entusiasmo e mais oitenta de amor à dança de todos aqueles que como Nietzsche “consideram como perdido o dia em não se dançou pelo menos uma vez”.

Finalizando, um “double saut en l’air” para chamar a atenção do Sr. Ministro da Cultura Celso Furtado (...)um “arabesque penchéé” e me retiro com “pás de bourée”, o espetáculo vai começar. Sete, oito e...

* Texto publicado originalmente em: **Festival Nacional de Dança – dos pés à cabeça**. [São Paulo, Teatro Sérgio Cardoso - 1986]. [p. 4]. Programa de espetáculos.